



**A IDENTIDADE SOCIOPROFISSIONAL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM PORTUGAL**

**THE SOCIOPROFESSIONAL IDENTITY OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS
IN PORTUGAL**

MOREIRA, José António Marques

Doutor em Ciências da Educação

Professor no Departamento de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta,
Portugal.

e-mail: jmoreira@univ-ab.pt

FERREIRA, António Gomes

Doutor em Ciências da Educação

Professor na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra,
Portugal.

e-mail: antonio@fpce.uc.pt



RESUMO

O presente estudo tem como principal objectivo investigar a forma como os professores de Educação Física se relacionam e se veem relativamente a outros colegas do grupo disciplinar, avaliando o poder preditivo de variáveis, como a escola de formação inicial ou a experiência profissional, que concorrem para a (in) definição da sua identidade profissional. Recorrendo a uma metodologia de cariz qualitativo a investigação centrou-se num grupo de quinze professores com formações iniciais distintas da área disciplinar de Educação Física realizadas nas instituições mais marcantes de Portugal no século XX: Instituto Nacional de Educação Física (INEF), Institutos Superiores de Educação Física (ISEF), Escolas Instrutores de Educação Física (EIEF) e Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF). As principais conclusões do estudo sugerem-nos a existência de alguma coesão dentro do grupo disciplinar de Educação Física, já que os professores mais novos reconhecem que a sua evolução depende, também da relação que estabelecem com os mais velhos e os mais velhos reconhecem que os mais novos são indispensáveis na atualização de determinados saberes, procurando, pois, baseados nestes pressupostos, estabelecer uma relação profícua entre todos, independentemente da geração em questão ou da escola de formação inicial.

Palavras chave: Educação Física – professores - identidade socioprofissional.

ABSTRACT

This main aim of this study is to analyse how Physical Education teachers relate among themselves and how they see themselves in relation to other colleagues of the same group, evaluating the predictive power of variables, such as the school of initial training or professional experience, that contribute to the (in)definition of their professional identity. Using a qualitative methodology, the research focused on a group of fifteen teachers with distinct initial training in the area of Physical Education in the most relevant institutions in Portugal in the 20th century: National Institute of Physical Education (INEF - Portuguese acronym for Instituto Nacional de Educação Física), Colleges of Physical Education (ISEF - Portuguese acronym for Institutos Superiores de Educação Física, Schools of Physical Education Instructors (at the EIEF - Portuguese acronym for Escolas de Instrutores de Educação Física) and Faculties of Sports Sciences and Physical Education. The main conclusions of this study suggest the existence of some cohesion inside the group of Physical Education, since younger teachers recognize that their evolution depends on the relation established with the older teachers, and the elder teachers recognize that the younger ones are indispensable in the updating of certain knowledge, seeking, therefore, based on these assumptions, to establish a profitable relation among all, regardless of the generation involved or the school of initial training.

Keywords: Physical education - teachers - socioprofessional identity.

1. INTRODUÇÃO

Ao estudarmos a formação e a construção da identidade dos professores de Educação Física em Portugal, constatamos que ambas têm vindo a sofrer ao longo do século XX várias influências e mudanças, nomeadamente as que resultam de tendências pedagógicas internacionais e da evolução histórica do país, principalmente nas suas dimensões social, política, educativa e científica. Durante as primeiras três décadas do século XX, as tentativas encetadas para introdução da formação de professores de Educação Física surgiram dispersas e sem obedecer a qualquer plano sistemático ou ideologia coerente (CRESPO, 1991; FERREIRA, 1999). Somente em 1930 foi criada a Escola Superior de Educação Física, na Sociedade de Geografia, em Lisboa, experiência que não deixou de ser importante no avançar para o lançamento duma instituição oficial que viria a ocorrer em 1940, com a criação do Instituto Nacional de Educação Física. Na verdade, a abertura deste Instituto constituiu um momento verdadeiramente significativo, em termos de formação de professores de Educação Física (FERREIRA, 2002). Os primeiros estatutos do Instituto Nacional de Educação Física (INEF), elaborados em regime de cooperação com a Mocidade Portuguesa (VIANA, 2001), afirmavam o carácter formativo e regenerativo do ensino a ministrar, tendo o currículo uma forte componente da área da medicina, a par de outra de vertente militar (NUNES, 1995). A criação do INEF teve como principal objectivo formar agentes de ensino da disciplina de Educação Física (OLIVEIRA, 1944). Contudo, apesar dos normativos legais, as dificuldades na formação destes agentes perfilarão-se devido, sobretudo, à falta de investimentos estruturais que respondessem à exiguidade das instalações, ao deficiente apetrechamento de materiais e ao reduzido quadro de professores formado pelo Instituto Nacional de Educação Física.

O fomento desportivo em Portugal somente aconteceu no início da década de sessenta, caracterizando-se este período por um enorme entusiasmo pelas atividades físicas, traduzido na elaboração de planos curriculares de Educação Física e em preocupações com a formação de professores (CARVALHO, 2002). No entanto, como salienta Brás (1996), esta preocupação não se refletiu num aumento efetivo de professores formados.

No início na década de setenta do século passado, assistimos a uma modernização do sistema educativo, que não ignorou a disciplina de Educação Física (ROSÁRIO, 1996). Neste período existia em funcionamento apenas um curso superior não universitário de formação de

professores, o do referido Instituto Nacional de Educação Física, e dois cursos médios de instrutores, ministrados nas Escolas de Educação Física de Lisboa e Porto.

Na sequência dos acontecimentos políticos do 25 de Abril de 1974 e da mudança de regime, o intento da democratização da sociedade gerou alterações na estrutura do sistema educativo. Foi extinto o Instituto Nacional de Educação Física, tendo, também sido abolidas as Escolas de Instrutores de Educação Física. Ao invés foram criados os Institutos Superiores de Educação Física em Lisboa e no Porto, o primeiro integrado na Universidade Técnica de Lisboa, e o segundo na Universidade do Porto. Mas, apesar da criação destes institutos, Nunes (1995) salienta que não é fácil falar-se de “formação de professores” de Educação Física nesta altura. De facto, no período compreendido entre 1975 e 1984, os cursos pecavam por ambiguidade na formulação dos objectivos, o que comprometia a formação dos professores.

Um outro marco decisivo na formação de professores de Educação Física, em Portugal, teve início no fim da década de oitenta, com a redesignação dos ISEF's em faculdades, com o ISEF de Lisboa a ser Faculdade de Motricidade Humana, integrando a Universidade Técnica de Lisboa e o ISEF do Porto, a ser chamada de Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física (CUNHA, 2007). A partir dos anos noventa do século passado, assistiu-se a uma proliferação de instituições de formação que ofereciam a formação inicial de profissionais em Educação Física. Este crescimento da oferta, esta proliferação de cursos cada vez mais heterogéneos e diversificados, e a multiplicação de cursos no sector estatal e no domínio privado, se, por um lado, acabou por evidenciar o reconhecimento da importância da área, por outro, deu origem a situações adversas, tais como a divisão e a desorientação em termos conceptuais e metodológicos e a formação de profissionais com diferentes concepções, modelos, competências e representações, o que, de certa forma, tem contribuído para uma certa “fragmentação” da identidade deste grupo profissional. Com efeito, esta multiplicação de cursos parece ser uma das principais responsáveis pela “fractura” na identidade deste grupo profissional, porque desencadeou efeitos perversos materializados em dois sentidos. Por um lado, a existência no mercado de profissionais de diferentes instituições acrescentado ao facto de agora não terem saída profissional, parece ter contribuído para um potencial decréscimo do estatuto da Educação Física e do seu professor. Por outro lado, este fenómeno de proliferação de instituições de formação parece também ter contribuído para o aparecimento de estatutos diferenciados no seio dos professores desta área, correspondendo a representações e a legitimações diferenciadas da Educação Física

relacionadas com a instituição de formação inicial (FERREIRA; MOREIRA, 2010). Estas diferentes formas de representação criaram uma forma diferenciada de intervenção que reproduz grupos com estatutos diferenciados e conseqüentemente “hierarquias” de estatutos, conflitos e protagonismos que dificultam a lógica de uma identidade profissional (FERREIRA; MOREIRA, 2011). Estamos, pois, perante diferentes culturas institucionais que pressupõem diferentes condutas de legitimação do saber e de intervenção, o que traz, inevitavelmente, problemas ao nível da identidade e da eficácia.

Perante este panorama, a indagação da identidade (sócio) profissional do professor de Educação Física afigura-se como uma tarefa complicada porque estudar a sua identidade implica o reconhecimento da heterogeneidade que caracteriza este grupo profissional (CUNHA, 2008).

Foi com base nestes pressupostos, que procurámos desenvolver um estudo que analisasse a forma como os professores de Educação Física se relacionam e se veem relativamente a outros colegas do grupo disciplinar avaliando o poder preditivo de variáveis, como a escola de formação inicial ou a experiência profissional, que poderão concorrer para a (in) definição da sua identidade socioprofissional.

2. METODOLOGIA

Neste estudo pretendemos, fundamentalmente, e como já referido, analisar como um conjunto de professores de Educação Física de escolas do Ensino Básico (7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade) e Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade) portuguesas se veem e relacionam com outros colegas do grupo disciplinar. A natureza da indagação levou-nos a considerar pertinente um estudo qualitativo, onde o discurso direto se submete a uma lógica interpretativa, que, ao enquadrar e explicitar a posição dos professores entrevistados, pretende dar conta de como os docentes de Educação Física se relacionam no seio do seu grupo disciplinar no atual contexto escolar português. Situando-nos, portanto, num quadro de um paradigma não positivista e interpretativo de natureza fenomenológica e ideográfica (COHEN; MANION, 1990) recorreremos, nesta investigação, a uma metodologia de cariz qualitativo que põe a tónica na revalorização da “pessoa”, como sujeito de conhecimento capaz de refletir, de racionalizar, de comunicar e de interagir. Todavia, aqui interessou-nos

mais interpretar as percepções dos professores de Educação Física para devolver uma análise que possa ser alvo de nova reflexão pelos docentes da área.

Com o intuito de suscitar a emergência de dados referentes ao estudo, recorreremos à utilização da entrevista semidirectiva, também designada de clínica ou estruturada e para analisar os dados provenientes desse inquérito por entrevista recorreremos a uma técnica de investigação capaz de codificar as declarações semi-livres e aparentemente desordenadas: a análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Tendo em consideração os objetivos do nosso estudo foi constituída seleccionámos um grupo de quinze professores com formações iniciais distintas da área disciplinar de Educação Física realizadas nas instituições mais marcantes do nosso país durante o século XX: o Instituto Nacional de Educação Física (INEF), criado em 1940; os Institutos Superiores de Educação Física (ISEF) de Lisboa e Porto; e as Faculdades de Ciências, de Desporto e de Educação Física, criadas a partir do início dos anos 90.

| Código das Entrevistas | Instituição Formação Inicial |
|--------------------------|---|
| E2, E12, E13, E14 | Instituto Nacional de Educação Física (INEF) |
| E1, E4, E7, E8, E10, E11 | Instituto Superiores de Educação Física (ISEF) |
| E3, E5, E6, E9, E15 | Faculdades Ciências do Desporto e Educação Física (FAC) |

Quadro 1 – Grupo do estudo

Fonte: autores

Após a nossa decisão em estudar este grupo de profissionais, procedemos à sua seleção de uma forma não aleatória e sem procurar obter uma “representatividade” objetiva, dado o carácter qualitativo da metodologia. Esta seleção procurou garantir a maior diversidade possível de experiências e características pessoais e foi efetuada com base nos percursos de formação inicial (instituições de formação).

Com este procedimento pretendíamos que a nossa amostra fosse constituída por professores que tivessem percursos de formação diferentes em períodos históricos distintos, com tempo de serviço e posições na carreira diferenciadas no sentido de nos aproximarmos do conceito de amostra de variação máxima.

3. RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Numa sociedade onde a mudança ocupa um lugar central, a compreensão da identidade profissional docente tem de considerar, necessariamente, o professor em exercício

em ambiente profissional e formativo, ou seja, tem de considerar a existência de uma identidade que é criada tanto no palco da profissão, como no palco da formação (inicial ou contínua). Assim, na análise das identidades profissionais destes professores, procurámos sempre considerar, não só as formas de estar na profissão e perante a profissão, mas também analisar os percursos da sua formação inicial e as modalidades de formação que determinaram a sua forma de estar perante a sua profissão, porque de acordo com Dubar (1997) a escolha de um tipo de formação normalmente conduz a um processo de legitimação de uma forma identitária. Com o intuito de compreender a forma como é que os professores de Educação Física das diferentes escolas de formação se percebem, procedemos, pois, à análise da forma como se relacionam entre si. Simultaneamente procurámos comparar os registos dos professores com formações diferentes, com o intuito de tentar perceber se esta construção da dimensão da Socialização profissional da identidade está relacionada, de alguma maneira, com a formação inicial obtida ou com as representações dessa formação.

Ainda antes de passarmos à análise dos resultados, pensamos que é necessário fazer referência a alguns aspectos que consideramos importantes. Em primeiro dizer que o estudo que aqui apresentamos foi realizado no âmbito de uma investigação mais abrangente que se debruçou sobre a questão identitária, não apenas na sua dimensão da socialização profissional, referente à identidade socioprofissional, mas também nas diferentes dimensões e categorias que a compõem. Em segundo, é de referir que a análise dos dados emergentes obedeceu a uma lógica de funcionamento baseada na alternância de duas fases. Numa primeira fase foi realizada uma análise vertical de cada uma das entrevistas dos professores formados nas diferentes escolas e na segunda procedemos a uma análise horizontal ou comparativa com recurso ao método da “análise comparativa constante” (MILES; HUBERMAN, 1994) com o intuito de identificar aspectos comuns e distintivos das representações e percepções destes professores. Para o efeito apresentaremos a informação proveniente das entrevistas, também, em quadros, com o objectivo de exemplificar a relevância de algumas das suas opiniões. Pensamos que a escolha deste modelo organizativo da informação, que permite estudar as representações dos professores de uma forma sistemática e analítica, permitirá uma mais adequada visualização do quadro geral representativo das suas concepções. E em terceiro, dizer que as unidades de registo referentes a esta dimensão da identidade, foram sinalizadas com as expressões de Plena Aprovação (+), Plena Reprovação (-) e Ponderação (+/-), porque pensamos que expressões referentes a ideias como cooperação, coesão, união ou trabalho em

conjunto ou falta de união podem ser sinalizadas de forma positiva ou negativa.

Por indução, baseada nas respostas dos professores, foi possível enquadrar nesta dimensão, com quarenta e quatro unidades de registo as categorias “Posicionamento Relativamente aos Mais Novos” (PMN), querendo significar o modo como o professor descreve a relação que estabelece com os colegas de grupos de gerações posteriores e qual a sua posição perante a sua atuação; “Posicionamento Relativamente aos Mais Velhos” (PMV) traduzido no relacionamento que estabelece com os professores de Educação Física de gerações anteriores e sua posição relativamente à atuação e postura dos mais velhos; e “Posicionamento Relativamente aos da Mesma Geração” (PMG), significando o modo como o professor se relaciona com os profissionais da mesma geração.

Relativamente à primeira categoria, “Posicionamento Relativamente aos Mais Novos” que comporta as referências relativas ao modo como o professor descreve a relação que estabelece com os colegas de grupo de gerações posteriores e qual a posição que adopta perante a sua atuação, a análise incidiu sobre os professores formados no INEF e no ISEF. Enquanto os primeiros fizeram referências aos professores formados nos ISEF’s (década de oitenta) e faculdades (a partir da década de noventa) os segundos fizeram, apenas, referências aos professores formados a partir da década de noventa.

No que diz respeito à classificação das unidades de registo, verificámos que, das treze unidades de registo, nove são de sinal positivo e quatro de sinal negativo, o que revela que estes professores, na sua maioria, têm relações adequadas com as gerações mais novas, tentando enquadrá-los nas escolas, pedindo-lhes ajuda quando necessitam,... Alguns, no entanto, são mais críticos relativamente a alguns professores mais novos, sobretudo os contratados, que, na sua opinião, se desresponsabilizam das suas tarefas, por não saberem se no próximo ano estão a leccionar na mesma escola.

| S | UR | Sinal | Registo |
|-----|----|-------|---|
| E2 | 4 | - | Nos últimos anos já encontrei diversas formações de escolas públicas e privadas com orientações diferentes, pelo que já existe uma maior heterogeneidade de formação, com maneiras de pensar e agir diferentes, penso que já não há tanta coesão do grupo de Educação Física. E julgo que quem vai para determinado curso já não é tanto por gosto ou vocação, mas é mais por imposição das circunstâncias. Daí que o grupo está mais fragilizado, penso eu, nos últimos anos senti isso. |
| E12 | 35 | + | Tento sempre uma atitude colaborativa. Gosto muito de trabalhar e de aprender com os mais novos. Normalmente colaboro, com os mais novos em todas as atividades que são propostas por eles. Nunca tive problema nenhum de relacionamento com eles. |

Quadro 2 – Posicionamento Relativamente aos Mais Novos (PMN)
Instituto Nacional de Educação Física

Fonte: autores

Relativamente às opiniões dos professores formados pelo INEF, encontramos nesta subcategoria cinco registos, três de tendência negativa e dois de tendência positiva. O professor -E2- considera, como podemos ler na primeira unidade de registo de exemplo, que, devido à maior heterogeneidade da formação o grupo de Educação Física já não é tão coeso e unido, o que tem fragilizado nos últimos tempos o grupo. Esta é também a opinião de Brás e Monteiro (1998) que referem que o grupo de Educação Física, tem funcionado à imagem do funcionamento de uma multidão em que a união é demasiado superficial e passageira.

O professor -E14-, mostrando-se, igualmente, preocupado, refere-se às formações mais contemporâneas que considera preparar professores pouco preocupados com as questões pedagógicas e muito preocupados com as questões técnicas. Para além disso faz ainda referência à postura de alguns professores contratados que na sua opinião “(...) não se aplicam tanto, porque não sabem se para o ano vão estar empregados. Não há um reconhecimento pelo trabalho desenvolvido” (UR 40). Parece que os mais novos são vistos sobretudo pela sua capacidade técnica. De qualquer modo, há reservas à sua prestação pedagógica, seja porque não têm isso como grande preocupação, seja porque a sua situação contratual não os leva a investir muito nesse sentido.

Por sua vez, as professoras -E12- e -E13- adoptam um discurso mais optimista relativamente aos mais novos. Enquanto a primeira, como se pode ler na segunda unidade de registo, põe a tónica no aspecto relacional e na atitude colaborativa, a professora -E13- realça a questão da aprendizagem mútua. Diz ela: “Com os mais novos também não tenho qualquer tipo de problema, e sempre que tenho dificuldades em leccionar alguma modalidade em que não estou tão à vontade, peço-lhes ajuda...” (UR 38). Este tom mais colaborativo não deixa de sustentar a hipótese de os mais novos trazerem competências técnicas que os mais velhos não

possuem. Provavelmente, é a sua competência desportiva que é mais apreciada e tal terá que ver com a sua formação inicial.

No que diz respeito às crenças dos professores formados pelos ISEF's, encontramos nesta subcategoria oito registos, sete de tendência positiva e apenas um de tendência negativa, o que demonstra, inequivocamente, uma boa relação entre diferentes gerações e um bom espírito de união. A comprovar esta situação temos o testemunho da professora –E4- que considera, como podemos ler na primeira unidade de registo, ter uma óptima relação com os professores mais novos. A respeito dessa relação acrescenta inclusive, que prefere trabalhar com professores mais novos. A sua declaração não deixa dúvidas: “(...) tenho quarenta e sete anos e dezoito anos de serviço efetivo como professora e sempre me dediquei a atividades da área de Educação Física mais inovadoras como o parapente ou asa delta, e este pessoal novo tem outra sensibilidade para estas áreas” (UR 9). Esta declaração não pode ser mais evidente quanto às capacidades dos mais novos e de quanto estes podem potenciar novas atividades e exercícios. Claro que isso nem sempre será bem visto. Haverá quem ache que tal postura está mais virada para uma concepção radical de vida que não se enquadra na tradicional vivência escolar.

| S | UR | Sinal | Registo |
|-----|----|-------|--|
| E4 | 7 | + | A relação que tenho tido com os professores mais novos tem sido muito positiva. |
| E10 | 29 | - | Atualmente, também sou bastante crítico perante algumas posturas dos mais novos que estão relacionadas com o factor contratação. Muitos contratados, porque sabem que permanecem na escola apenas um ano desresponsabilizam-se de algumas das suas obrigações, enquanto que a atitude dos mais novos com vínculo já é um pouco diferente, já existe uma postura diferente. |

Quadro 3 – Posicionamento Relativamente aos Mais Novos (PMN)
Institutos Superiores de Educação Física

Fonte: autores

Por outro lado, há uma ideia de que a colaboração entre professores mais velhos com os mais novos pode ser útil para todos. Do ponto de vista dos professores mais velhos, é sobretudo evidente a percepção de que os mais novos precisam de ajuda na sua adaptação à realidade. O professor -E7-, também colocando a tónica na boa relação com os mais novos destaca a questão da necessidade de ajudar os mais novos e de os integrar na escola: “(...) Acho também que é esse o papel dos professores mais velhos. Ajudar os mais novos com a nossa experiência” (UR 19). Mas nem todos os docentes mais velhos veem a adaptação dos mais novos problemática. Há até quem, como o professor -E8-, refira a facilidade com que os

mais novos têm em adaptar-se à vida das escolas, facilitando a coesão dos grupos. Nem todos dão conta do conflito geracional.

Na verdade, há docentes que tentam encarar as diferenças com naturalidade. A professora -E11-, mostrando uma humildade, que pensa não ser comum na maioria dos professores, refere que “(...) quando vejo um exercício novo e interessante a ser realizado por um colega mais novo vou pedir-lhe para me ensinar o exercício.” (UR 32). E conclui afirmando que “eu por ter mais experiência não me considero acima dos mais novos, nem abaixo por ter uma formação diferente. Sinto-me exatamente igual a eles, porque noto também que eles muitas vezes observam coisas que eu faço, o que é bom, porque leva-me a pensar que estou no bom caminho” (UR 33). Ou seja, os ganhos são para ambas as partes e todos podem lucrar com os conhecimentos que advêm de formações diferentes.

A finalizar resta-nos apenas fazer referência ao registo de tendência negativa que se prende com a questão dos professores contratados. Tal como manifestou o professor do INEF, a crítica do professor -E10-, como podemos ler na segunda unidade de registo no quadro acima, incide sobre a postura dos professores que não permanecem muito tempo na mesma escola, e que, por isso, não cumprem com algumas das suas obrigações profissionais. Mas isto pouco tem que ver com problemas de geração ou de formação. Trata-se sobretudo duma consequência de administração educacional.

Relativamente à segunda categoria “Posicionamento Relativamente aos Mais Velhos” que comporta as referências relativas ao modo como o professor descreve a relação que estabelece com os colegas de grupo de gerações anteriores e qual a sua posição perante a atuação dos mais velhos, a análise incidu, sobretudo, sobre o segundo e terceiro grupo de professores considerados no estudo (ISEFs e Faculdades). Enquanto os primeiros, professores formados pelos ISEF’s, descreveram a relação e a sua posição relativamente à actuação dos professores do INEF, os segundos debruçaram-se sobre os dois grupos referidos.

No que diz respeito à classificação das unidades de registo, verificámos que das vinte unidades, sete são de sinal positivo, dez de sinal negativo e três de alguma indefinição o que demonstra um relativo equilíbrio de opiniões. Enquanto uns referem que têm uma relação óptima com os mais velhos respeitando as suas experiências e os seus conhecimentos e que existe espírito e união no grupo independentemente da antiguidade ou escola de formação, outros referem que estes professores acomodaram-se e “pararam no tempo” e apenas leccionam certas modalidades para as quais receberam formação.

Relativamente às opiniões dos professores formados pelos ISEF's, encontramos nesta subcategoria onze registos, sete de tendência negativa, apenas um de tendência positiva e dois de alguma indefinição, o que parece indiciar alguma falta de coesão entre estes professores e os mais velhos, formados pelo INEF.

| S | UR | Sinal | Registo |
|----|----|-------|---|
| E4 | 10 | - | Com professores mais conservadores como alguns do INEF que já estão na reforma ou quase não é tão fácil, mas tudo depende também da perspectiva das pessoas. |
| E8 | 22 | + | Respeitava imenso aqueles que se esforçavam por actualizar os seus conhecimentos e que até acabavam por ter mais sucesso que aqueles que tinham uma formação inicial mais completa. |

Quadro 4 – Posicionamento Relativamente aos Mais Velhos (PMV)
Institutos Superiores de Educação Física

Fonte: autores

Com uma posição claramente negativa acerca destes professores, fruto da relação estabelecida com os seus colegas de grupo mais velhos da escola onde já lecciona há mais de uma década, a professora -E4- refere, como podemos ler na primeira unidade de registo exemplificativa do quadro 4, que a relação com colegas mais velhos não tem sido fácil, porque muitos adoptam uma posição muito conservadora. A este respeito, refere mesmo que “com os professores de Educação Física mais velhos tenho tido alguns atritos, tendo inclusive passado por uma inspeção por ter montado um muro de escalada com o qual alguns professores não concordavam. Coincidências... (UR 8). Num tom crítico, a propósito de alguns professores de Educação Física formados pelo INEF, acrescenta que “a escola, instituição, até hoje também não encara a Educação Física como deveria encarar e a responsabilidade deve ser de alguém.... Também lhe digo que houve professores, de um leque de Educação Física do INEF, que também nunca encararam a Educação Física com o nível de exigência que devia ser considerado, por isso...” (UR 8). Embora se possa ter que relativizar um pouco o discurso amargo desta docente de Educação Física, percebe-se que ele remete para um situacionismo pedagógico condicionado por uma rotina gerida pelos professores de Educação Física mais velhos, que constituem um poder dentro da escola capaz de, pelo menos, impedir iniciativas mais inovadoras e de criar dificuldades a quem desafie o tradicional dispositivo neste domínio escolar. De facto, pelas suas palavras, só podemos concluir que o seu percurso profissional em Trás-os-Montes não foi nada fácil. Afirma ela que “(...) no início tentei fazer imensas coisas, fundei o clube de escalada, dinamizei o montanhismo, era coordenadora do Clube da Floresta, etc... os alunos chegaram a ter como hino na escola “o que está a dar é trepar” e passado algum tempo tudo isso me foi retirado.

Até o Desporto Escolar me retiraram, porque passei a ser um elemento não desejado.” (UR 11). É curioso notar que, como vimos anteriormente, a sua posição relativamente aos mais novos é completamente distinta. Esta insatisfação, este “mau estar” com os mais velhos é tão incómoda para si que acabou por se “afastar” um pouco da escola. Mas tudo indica que estamos perante uma pessoa um tanto fora do comum. Como ela mesmo explicita, a sua intervenção na comunidade é bem visível: “sou nadadora salvadora e sou bombeira voluntária e desenvolvo outras atividades não tanto no âmbito escolar, porque a escola, também por fruto da ação de alguns colegas mais velhos não correspondeu às minhas expectativas” (UR 12).

Também com uma imagem pouco positiva dos professores mais velhos, a professora -E11- ilustra uma situação, relativamente à sua primeira experiência enquanto docente que a apoquentou bastante, porque os colegas de grupo “(...) dessa escola não davam aulas, fechavam-se numa sala no pavilhão e os miúdos ficavam sozinhos e isso incomodava-me muito. Não me revi nada naquela escola e percebi que aquilo eu não queria” (UR 34). Casos assim repetiam-se em outras escolas. O professor -E10- também era bastante crítico para com os mais antigos, porque “(...) via atitudes muito pouco profissionais e pouco abonatórias para a imagem da disciplina de Educação Física” (UR 28). Claro que cada um dos professores mais novos reagia em conformidade com as suas características pessoais, a consistência da sua formação e as suas convicções. Sublinhe-se que tais críticas provêm de dentro do grupo de docentes de Educação Física. Elas, no entanto, eram muito frequentemente expressas por docentes das áreas tradicionalmente consideradas mais prestigiadas nas escolas.

As opiniões dos professores -E7-, -E8- e -E10- são mais ponderadas e refletem alguma prudência na forma como abordam o tema. O professor -E7-, por exemplo, diz que “relativamente aos mais velhos sempre fui muito cauteloso. Fui crítico em algumas situações e compreensivo noutras, porque percebia que a formação de alguns era limitada, não tinham conhecimentos para mais e por isso não o podiam fazer de forma diferente, por isso tinha que aceitar” (UR 20). Por sua vez, o professor -E8- refere que, sabendo das suas limitações a nível das práticas e das didáticas das modalidades, adoptou sempre um olhar crítico sobre aqueles que não atualizavam os seus conhecimentos e que se acomodavam, já que estes “(...) acabavam por ser muito limitados, porque apenas conseguiam dar aulas de futebol, de basquetebol, de voleibol, de andebol ou ginástica. Quando tinham necessidade de ir um pouco mais além, já era mais complicado...” (UR 23). Tudo indica que estamos perante um conflito geracional. Por um lado, gente mais nova, ainda com entusiasmo pela ação e mobilizada para

exercer uma influência sobre a formação da juventude; por outro, docentes já em final de carreira, talvez já endurecidos pela experiência e pouco crentes na capacidade de motivar os adolescentes para uma atividade física sistemática. Além disso, surge também como evidente uma formação diferente, que valoriza outras atividades e outra forma de atuar. Esta situação podia levar a conflitos mais ou menos intensos mas causava, seguramente, dessintonia no grupo de Educação Física, sempre que tal se verificasse numa escola. Pelo que vemos, quando as tentativas de conciliação pedagógica e de alteração de práticas não se mostrava viável, o normal seria uma manifestação de discordância respeitosa, o que levaria a que na mesma escola existissem diferentes entendimentos quanto à forma como encarar a Educação Física e quanto ao tipo das atividades a desenvolver.

A análise às opiniões deste grupo de professores formados pelos ISEF's permite-nos concluir que, na sua maioria, as opiniões destes professores traduzem alguma desunião no grupo disciplinar de Educação Física, fruto de alguma desconfiança e reserva face à capacidade profissional dos colegas mais velhos. Ora, isto não podia deixar de causar alguma fragilidade na identidade socioprofissional deste grupo de docência e da própria disciplina, tanto mais se admitirmos que “a Educação Física é também um grupo de pessoas que vive e trabalha em conjunto durante um tempo longo, tendo para isso que se organizar” (BRÁS; MONTEIRO, 1998, p. 19).

No que diz respeito às crenças dos professores formados mais recentemente, ou seja, desde a década de noventa, encontramos nesta subcategoria nove registos, cinco de tendência positiva apenas dois de tendência negativa e dois de alguma indefinição, o que demonstra, contrariamente à situação analisada anteriormente, uma boa relação e espírito de coesão entre os professores mais velhos e os formados mais recentemente. A comprovar esta situação temos o testemunho da professora -E9- que considera, como podemos ler na primeira unidade de registo no quadro abaixo, ser fundamental colaborar com os mais velhos e ir aprendendo com a sua experiência e os seus conhecimentos. A esse respeito acrescenta ainda que “(...) deve haver comunicação entre as diferentes gerações. A experiência de uns e o conhecimento dos outros são fundamentais para que haja evolução nas práticas da Educação Física. Por exemplo, os diplomados pelo ISEF acho que são professores interessantes, porque alguns têm vivência de desporto de alta competição que pode ser útil para a aprendizagem dos mais novos” (UR 25). É interessante notar que esta docente tem clara consciência que o futuro da Educação Física escolar passa pela forma como os profissionais desta área se relacionam e se

complementam. Na verdade, o que ela está a convocar é a cooperação de saberes provenientes de diferentes professores de Educação Física com formações iniciais e experiências diversificadas, o que significa admitir, como já perspectivara Brás e Monteiro (1998), que a matéria-prima para se fazer Educação Física está na semente deste conjunto de pessoas.

| S | UR | Sinal | Registro |
|-----|----|-------|--|
| E9 | 27 | + | Eu tento sempre evoluir como profissional atualizando os meus conhecimentos e também aprendendo com os mais velhos.... |
| E15 | 42 | - | Relativamente aos mais antigos sou muito crítico com os conformistas. |

Quadro 5 – Posicionamento Relativamente aos Mais Novos (PMN)
Institutos Superiores e Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física

Fonte: autores

Também a opinião do professor -E15- revela que é fundamental promover uma comunicação intergeracional com o intuito de partilhar conhecimentos. Este professor salienta que “entre os mais velhos há muita gente válida que procura conhecimentos”. Na sua opinião, muitos “deles comunicam de uma forma saudável procurando atualizar os seus conhecimentos e procurando compreender as preocupações dos mais novos” (UR 43). Significa isto, que não se deve reduzir a posição dos docentes de Educação Física mais novos para com os colegas mais velhos a um antagonismo generalizado. Opinião idêntica tem o professor -E6- que não tem dúvidas em afirmar “ (...) que existem professores mais velhos que evoluíram e apostaram na sua formação (...)” (UR 16), enquanto outros se acomodaram e “pararam no tempo”. De qualquer modo, mesmo acautelando não cair numa leitura dicotómica desta percepção dos docentes mais novos sobre os mais velhos, emerge como algo notório a existência de diferenças de culturas no âmbito do ensino na área da Educação Física que são enquadradas pelo tipo de formação inicial a que estiveram sujeitos os docentes de diferentes gerações. Isto parece ser também confirmado pelas palavras do professor -E5-, que embora acredite haver “(...) indivíduos antigos que estejam interessados e conseguem acompanhar a evolução da Educação Física”, pensa que “os mais novos por vivência e por acompanharem mais de perto os alunos”, possuem “mais conhecimentos para aplicar, apesar da menos experiência no campo” (UR 14). Ou seja, a força do ensino de Educação Física está, na opinião da última geração de professores da especialidade, precisamente neles. Com é óbvio, tal ideia é controversa e corresponde a uma espécie de auto-elogio. De qualquer modo, denuncia uma posição que na relação com a fraca imagem que têm dos professores mais velhos da sua área revela uma postura de superioridade técnica e pedagógica que quer ver-se reconhecida. Independentemente das consequências que isso possa ter nas relações entre pares

numa escola, transparece a ideia de que não há coincidência, tantas vezes verificada e invocada, entre experiência e saber, o que pode traduzir uma área sujeita a grandes inovações ou a mudanças mais de forma legitimadas por modas e dinâmicas conjunturais.

Relativamente à terceira e última subcategoria, “Posicionamento Relativamente aos da Mesma Geração” que comporta as referências relativas ao modo como o professor descreve a relação que estabelece com os colegas de grupo da mesma geração e qual a sua posição perante a sua atuação, podemos verificar, no que diz respeito à classificação das unidades de registo, que das onze unidades existentes, dez são de sinal positivo e apenas uma é de alguma indefinição o que demonstra, inequivocamente, a existência de uma identificação entre os professores da mesma geração e provenientes do mesmo tipo de escolas de formação, independentemente, do ano em questão.

Relativamente às opiniões dos professores formados pelo INEF, todos os professores são unânimes em considerar a existência de coesão e união entre os professores do grupo de Educação Física com formações idênticas e da mesma geração. A opinião da professora -E13, que podemos ver na unidade de registo exemplificativa (UR 37) no quadro abaixo, traduz essa união e coesão, na medida em que destaca os fortes laços de solidariedade e o espírito colaborativo que existe entre todos, em questões não só profissionais como também pessoais.

| S | UR | Sinal | Registo |
|-----|----|-------|---|
| E3 | 6 | + | Penso que não existe divisão. Penso que existe uma identidade, somos bastante unidos, porque temos todos um ponto em comum: somos de Educação Física!! Não estive em nenhuma escola onde existisse no grupo um clima desagradável. |
| E13 | 37 | + | Eu tenho muita sorte em ter um grupo coeso e unido. O grupo de Educação Física na escola sempre se entendeu bem, temos laços de solidariedade muito fortes e ajudamo-nos tanto em questões pessoais como profissionais tentando aprender uns com os outros. |

Quadro 6 – Posicionamento Relativamente aos da Mesma Geração (PMG)

Fonte: autores

Também o professor-E14-, curiosamente professor durante muitos anos na mesma escola que a professora anterior, alinha pelo mesmo discurso referindo que: “relativamente aos colegas da mesma época, e que faziam parte do grupo de Educação Física, penso que a relação que existia era ótima.” (UR 41). Por sua vez, a professora -E12- adota um discurso idêntico salientando que “com os efetivos da escola tudo correu sempre muito bem. Tivemos sempre um grupo muito unido e com um ambiente muito saudável.” (UR 36). Não há dúvida que esta união e este clima de grupo assentavam num mesmo entendimento sobre o ensino da

Educação Física e na capacidade de consolidação da aprendizagem profissional que isso proporcionava.

Entre os professores do ISEF o sentimento também é idêntico, chegando o professor -E1-, inclusive, a referir que o grupo de Educação Física era muito coeso. A este respeito sublinha que “(...) nunca me pareceu que houvesse divisões que fossem visíveis” (UR 1).

Os professores formados mais recentemente também alinham pelo mesmo tom. O professor -E3- afirma inclusive, como podemos ver na primeira unidade de registo de exemplo, no quadro acima, que existe no grupo de Educação Física a consciência de uma identidade, enquanto que a professora -E9-, reafirmando a união do grupo, refere que os professores da sua geração “(...) e da geração dos anos noventa têm um pensamento, uma maneira de estar muito idêntica” à sua. Segundo ela, eles “chegam à escola e vêm motivados para ensinar. Têm um objectivo claro que é ensinar!” (UR 18). Dito assim, parece que se quer deixar transparecer que o mesmo não aconteceria com os docentes de Educação Física de gerações anteriores. Todavia, é preciso ser prudente na interpretação de tais discursos, porque, porventura, revelarão alguma falta de modéstia e assentarão muito num voluntarismo entusiástico que costuma caracterizar quem está ainda no início da carreira profissional. Na verdade, a consolidação da Educação Física foi feita com professores de outras gerações anteriores à da década de noventa do século XX.

4. CONCLUSÕES

Como temos visto ao longo deste estudo, a generalização do ensino da Educação Física feita por professores especializados tem sido marcada por diferentes políticas de formação inicial e por diferentes concepções técnicas e pedagógicas. Isso implicou a convivência de professores de Educação Física com diferentes tipos de conhecimento e diferentes modos de encarar a orientação das atividades que deviam ensinar na escola. Da análise das entrevistas realizadas, e sinteticamente apresentadas nas páginas anteriores, poderemos verificar que há alguns aspectos que reúnem mais consenso ou mais atenção do que outros. Um dos aspectos mais consensuais, prende-se com o facto da maioria dos professores da mesma geração e com percursos formativos idênticos considerarem que existe coesão e união entre si. É interessante notar a este respeito que, efetivamente, parece existir uma identificação dos professores de acordo com a sua formação. Estes resultados são

consentâneos com os estudos recentes desenvolvidos em Portugal por Martins (2010) e Cortesão (2010) que apontam no sentido da existência daquilo que se pode designar de identidade no seio do grupo de Educação Física.

No entanto, verificamos, no nosso estudo, que essa identificação não é tão evidente quando estamos a falar de professores doutras gerações e com percursos formativos diferentes. Enquanto os professores formados no Instituto Nacional de Educação Física têm, na sua maioria, uma atitude positiva relativamente aos mais novos, reconhecendo-lhes competências, procurando enquadrá-los nas escolas e pedindo-lhes ajuda quando necessitam, os professores dos Institutos Superiores de Educação Física revelam a existência de falta de coesão e de desunião no grupo disciplinar de Educação Física, fruto de alguma desconfiança e cautela devido a certas práticas e posturas dos mais velhos, preferindo, por isso, trabalhar com os mais novos a quem reconhecem uma formação mais adequada à nova realidade escolar. No entanto, reconhecem a existência de dois tipos de professores de Educação Física neste grupo dos mais velhos, os que sempre se atualizaram em termos de conhecimentos e práticas, com quem se identificam e aqueles que se acomodaram, “pararam no tempo” e que perpetuam práticas que não são adequadas à realidade da Educação Física e que por isso repudiam.

Finalmente, notamos que os professores mais novos, na sua maioria, referem que têm uma boa relação com os mais velhos e têm consciência que é necessário existir um espírito de união e um diálogo entre todos os professores de Educação Física, porque e como sublinha Yandell; Turvey (2007), a experiência dos mais velhos e os conhecimentos dos mais novos são fundamentais para a criação de um espírito profissional coeso.

Parece-nos que, efetivamente, a união dentro do grupo de Educação Física existe, já que os mais novos reconhecem que a sua evolução depende, também da relação que estabelecem com os mais velhos, aspecto igualmente destacado no estudo desenvolvido por Lave; Wenger (1991), e os mais velhos, reconhecem que os mais novos são indispensáveis na atualização de determinados saberes, procurando, pois, baseados nestes pressupostos, estabelecer uma relação profícua entre todos, independentemente da geração em questão. No entanto, esta parece ser uma união algo frágil e com pouca consistência. Para serem desenvolvidas ideias e interesses comuns, tem de se transformar o grupo de Educação Física, na asserção de Brás; Monteiro (1998), numa “unidade de combate”, isto é, num instrumento de mudança que uniformize as práticas dos diferentes “soldados” das diversas gerações. No entanto, não basta o domínio/apetrechamento técnico, quer dizer, não é preciso só saber

“disparar”, é preciso saber intervir em conjunto. É preciso que, continuando a utilizar a metáfora destes autores, os “soldados” sejam transformados numa “unidade de exército”. Daí que seja necessário chegar à consciência de grupo (sem distinção de escolas de formação). Sem coesão não se dará a mobilização das vontades no sentido de uma ação conjugada para o desenvolvimento da Educação Física.

Dada a importância estratégica que o grupo ocupa, este não pode ser um amontoado de indivíduos geridos segundo orientações pessoais. O grupo de Educação Física na escola é o berço da socialização da profissão (CUNHA, 2008). É aqui que se embalam vontades quotidianas, se estabelecem vínculos, se reforçam compromissos, se estabelecem hábitos, se projeta a Educação Física em função do “jogo” estratégico dos seus atores (BRÁS; MONTEIRO, 1998).

É necessário não esquecer que ser professor é fazer parte de um projeto colectivo. Quer se queira quer não, cada um está vinculado e dependente do trabalho dos outros (MOLINA; MOLINA NETO, 2011), por isso o diálogo entre as diferentes gerações é uma questão fulcral (SWABEY *et al.*, 2010). É, ainda, necessário que os professores de Educação Física assumam o controlo da profissão, reorientem a disciplina e analisem os contextos em que decorre a sua atividade. É urgente que os professores de Educação Física adquiram novos comportamentos e novos saberes, no sentido de se proceder à reestruturação da profissão, concebendo uma Educação Física com profissionais responsáveis, solidários, unidos e fiéis a uma matriz identitária. Não se está aqui a fazer um apelo a que todos os docentes de Educação Física ensinem do mesmo modo, realizem os mesmos exercícios, uniformizem as aulas. Apenas se pretende chamar a atenção para a existência de tensões pedagógicas no âmbito dos grupos de Educação Física, derivadas de formações iniciais diversas tidas por diferentes gerações de docentes da área disciplinar e para a conveniência de se desenvolver formas relacionais e formativas que possibilitem diminuir a desconfiança entre professores desta disciplina pelo facto de terem obtido a sua formação em períodos distintos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **L'analyse de contenu**. Paris: PUF, 1977.
- BRÁS, J. Metamorfoses na formação de professores de Educação Física. **Boletim SPEF**, n.º 14, 1996, p. 47-54.
- BRÁS, J.; MONTEIRO, J. A importância do grupo para o desenvolvimento da Educação Física. **Horizonte**, n.º 86, 1998, p. 1-11.
- CARVALHO, L. Sobre o status da disciplina da Educação Física na década de sessenta: fragmentos de um estudo histórico-organizacional. **Boletim SPEF**, n.º 21-22, 2002, p. 55-85.
- COHEN, L.; MANION, L. **Métodos de Investigação Educativa**. Madrid: La Muralla, 1990.
- CORTESÃO, M. **Clima Escolar, Participação Docente e Relação entre os Professores de Educação Física e a Comunidade Educativa**. Tese de Mestrado – FPCE. Coimbra, 2010.
- CRESPO, J. A Educação Física em Portugal. A génese da Formação dos Professores. **Boletim SPEF**, n.º 1, 1991, p. 11-20.
- CUNHA, A. **A Educação Física em Portugal. Os desafios na Formação de Professores**. Lisboa: Editora Estratégias Criativas, 2007.
- CUNHA, A. **Pós-Modernidade. Socialização e Profissão dos Professores (De Educação Física) em Portugal**. Viseu: Vislis Editores, 2008.
- DUBAR, C. Formação, Trabalho e Identidades Profissionais. In: R. Canário. **Formação e Situações de Trabalho**. Porto: Porto Editora, 1997, p. 43-52.
- FERREIRA, A. G. Olhar sobre a educação física em Portugal nos finais do antigo regime. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 33, n.º 2, 1999, p. 141-158.
- FERREIRA, A. G. O ensino da Educação Física em Portugal durante o Estado Novo. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 36, n.º 3, 2002, p. 221-240.
- FERREIRA, A. G.; MOREIRA, J. The Socio-professional Status of Physical Education Teachers in Portugal. A Qualitative Approach. **SportLogia Journal**, v. 7, n.º 1, 2011, p. 1-19.
- FERREIRA, A. G.; MOREIRA, J. A auto-estima profissional dos professores de Educação Física em Portugal. **Exedra**, n.º 4, 2010, p. 65-80.
- LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: Legitimate peripheral participation in communities of practice**. NY: Cambridge University Press, 1991.

MARTINS, I. **Clima de Escola, Participação e Identidade**- Um olhar sobre a disciplina e o professor de Educação Física. Dissertação de Mestrado – FPCE. Coimbra, 2010.

MILES, M.; HUBERMAN, A. Drawing valid meaning from qualitative data: toward a shared craft. **Educational Researcher**, v. 13, n.º 5, 1994, p. 20-30.

MOLINA, R.; MOLINA NETO, V. Compreender a escola e significar a docência: desafios que inquietam o professorado de Educação Física. **Revista e-curriculum**, v. 7, n.º 1, 2011, p.1-23.

NUNES, E. Objectivando a formação de professores de Educação Física. **Ludens**, v. 3, n.º 15, 1995, p. 8-14.

OLIVEIRA, A. A função do Instituto Nacional de Educação Física na Sociedade Portuguesa. **Boletim INEF**, n.º 4, 1944, p. 291-340.

ROSÁRIO, A. **O Desporto em Portugal. Reflexo e Projecto de uma Cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SWABEY, K.; CASTETLON, G.; PENNEY, D. Meeting the Standarts? Exploring Preparedness for Teaching. **Australian Journal of Teacher Education**, v. 35, n.º 8, 2010, p. 29-46.

VIANA, L. **A Mocidade Portuguesa e o liceu. Lá vamos contando... (1936-1974)**. Lisboa: Educa, 2001.

YANDELL, J.; TURKEY, A. Standards or communities of practice? Competing models of workplace learning and development. **British Educational Research Journal**, v. 33, n.º 4, 2007, p. 533-550.

Submetido: 9.8.2011

Aceito: 30.8.2011